INTERFACE TECNOLÓGICA

TECNOLOGIA EM AGRONEGÓCIO
**Interface Tecnológica** · v. 23, n. 1, 2026 · p. 217–227
ISSN on-line 2447-0864 · ISSN impresso 1807-3980
https://doi.org/10.31510/infa.v23i1.2419

# MERCADO INTERNACIONAL DO CACAU: produção e dinâmica de preços

*International cocoa market: production and price dynamics*

**Maria Clara Janoni Jorge**[1], **Kamili Vitória Miranda Marques**[2], **Daltro Cella**[3]

**AUTORIA**

[1] **Maria Clara Janoni Jorge**
Fatec Taquaritinga – SP – Brasil
mariajj.clara@icloud.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-5557-4538

[2] **Kamili Vitória Miranda Marques**
Fatec Taquaritinga – SP – Brasil
kamilimiranda321@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-6450-7836

[3] **Daltro Cella**
Fatec Catanduva – SP – Brasil
daltro_cella@yahoo.com.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5656-9093

**HISTÓRICO**

| | |
|---|---|
| Recebido | 14/04/2026 |
| Aceito | 08/06/2026 |
| Publicado | 30/06/2026 |

**COMO CITAR**

JORGE, M. C. J.; MARQUES, K. V. M.; CELLA, D. Mercado internacional do cacau: produção e dinâmica de preços. **Interface Tecnológica**, Taquaritinga, v. 23, n. 1, p. 217-227, 2026. DOI: 10.31510/infa.v23i1.2419.

**LICENÇA**

Artigo de acesso aberto distribuído sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

cc BY 4.0

**RESUMO**

O presente estudo analisa a cadeia produtiva do cacau, com ênfase na produção, no processamento e no comércio internacional, buscando compreender o posicionamento do Brasil no mercado global e o comportamento recente dos preços. A metodologia adotada é de natureza aplicada, com abordagem quantitativa e qualitativa, utilizando pesquisa bibliográfica e documental baseada em dados de instituições como IBGE, FAOSTAT, OEC e ICCO, referentes ao período de 2020 a 2024, analisados por meio de estatística descritiva e abordagem analítico-interpretativa. Os resultados indicam que a produção mundial é concentrada em poucos países, especialmente na África Ocidental, tornando o mercado vulnerável a choques de oferta. Observou-se elevada volatilidade nos preços, com forte alta seguida de queda recente. No Brasil, destaca-se a redução da participação relativa, mas com crescimento do processamento interno. Conclui-se que, apesar dos desafios, a cacauicultura brasileira apresenta potencial de crescimento, especialmente com investimentos em produtividade, sustentabilidade e agregação de valor.

**Palavras-chave:** Cacau. Cadeia produtiva. Produção. Volatilidade de preços.

**ABSTRACT**

*This study analyzes the cocoa production chain, with an emphasis on production, processing, and international trade, seeking to understand Brazil's position in the global market and recent price behavior. The methodology adopted is applied in nature, with a quantitative and qualitative approach, using bibliographic and documentary research based on data from institutions such as IBGE, FAOSTAT, OEC, and ICCO, referring to the period from 2020 to 2024, analyzed through descriptive statistics and an analytical-interpretative approach. The results indicate that world production is concentrated in a few countries, especially in West Africa, making the market vulnerable to supply shocks. High price volatility was observed, with a sharp rise followed by a recent fall. In Brazil, the reduction in relative participation stands out, but with growth in domestic processing. It is concluded that, despite the challenges, Brazilian cocoa farming has growth potential, especially with investments in productivity, sustainability, and value aggregation.*

**Keywords:** Cocoa. Production chain. Production. Price volatility.

## 1 INTRODUÇÃO

O cacau é o fruto do cacaueiro, planta tropical pertencente à espécie *Theobroma cacao*, que significa "alimento dos deuses" e evidencia a relevância histórica e simbólica desse fruto, especialmente para civilizações antigas como os Maias e os Astecas, que utilizavam suas sementes tanto na preparação de bebidas quanto como instrumento de troca. O desenvolvimento do cacaueiro ocorre, predominantemente, em áreas de clima quente e úmido, características da faixa intertropical, o que explica sua ampla difusão atual em países da África, América Latina e Ásia (MAPA, 2017).

O cacau configura-se como uma importante *commodity* agrícola no comércio internacional, exercendo papel significativo na geração de renda, especialmente na África Ocidental, na América do Sul e no Sudeste Asiático. No contexto brasileiro, o setor cacaueiro já ocupou posição de destaque mundial, especialmente no início do século XX. Entretanto, fatores como a incidência da "vassoura-de-bruxa" (doença fúngica) e a diversificação da economia nacional contribuíram para a redução de sua importância relativa. Atualmente, o país passou por uma mudança estrutural, deixando de ser exportador de amêndoas para se tornar importador, ao mesmo tempo em que houve expansão da produção e do consumo interno de chocolate (CEPLAC, 2016).

No plano institucional, o setor é coordenado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), com papel de destaque para a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), responsável por ações de pesquisa, extensão rural e apoio ao desenvolvimento sustentável. A cadeia produtiva brasileira caracteriza-se pelo predomínio do processamento interno, crescimento do consumo e presença significativa de grandes empresas (MAPA, 2017).

Portanto, o objetivo geral deste estudo é analisar a produção, o comércio internacional e o comportamento dos preços da amêndoa de cacau no período de 2020 a 2024, buscando compreender o posicionamento do Brasil no mercado global. Especificamente, pretende-se examinar a evolução histórica e a distribuição geográfica da produção nacional e mundial, identificar os principais países exportadores e importadores, analisar a dinâmica da moagem e do processamento, bem como interpretar as oscilações recentes dos preços internacionais.

A realização deste estudo justifica-se pela relevância econômica, social e ambiental do cacau no cenário mundial, especialmente em países produtores onde a atividade desempenha papel fundamental na geração de renda e emprego.

## 2 O CULTIVO DO CACAU NO BRASIL E NO MUNDO

A produção de cacau no Brasil a partir dos anos 2000 contou com políticas públicas e programas governamentais que buscaram revitalizar o setor, como o Plano Executivo para Aceleração do Desenvolvimento e Diversificação do Agronegócio na Região Cacaueira do Estado da Bahia (PAC do Cacau), que foi implementado em 2008, com foco em crédito, renegociação de dívidas e incentivo à produção sustentável. Paralelamente, o estado do Pará (PA) passou a ganhar destaque como nova fronteira produtiva, com crescimento da produção baseado em sistemas agroflorestais e maior produtividade. Apesar disso, o Brasil ainda enfrenta desafios relacionados à competitividade internacional, produtividade e organização da cadeia produtiva (GONÇALVES E SILVA; TRIACA, 2025).

De acordo com Gonçalves e Silva e Triaca (2025), o panorama histórico da produção de cacau no Brasil evidencia uma trajetória marcada por forte crescimento inicial (século XIX), consolida-

ção internacional (início do século XX), crises profundas (vassoura-de-bruxa em 1989) e esforços recentes de recuperação e modernização do setor, com mudanças importantes na distribuição geográfica da produção e na estrutura produtiva.

Atualmente a produção de amêndoas de cacau no Brasil entre os anos de 2020 e 2024, de acordo com dados da Produção Agrícola Municipal (PAM) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresenta relativa estabilidade ao longo do período, com leve crescimento entre 2020 (269.740 toneladas - t) e 2021 (302.126 t), seguido de uma pequena retração e estabilização até 2024 (297.509 t). A média quinquenal de 293.303 toneladas indica que o setor mantém um patamar produtivo consolidado, sem grandes oscilações estruturais, sugerindo maturidade produtiva e relativa resiliência frente a variações conjunturais (IBGE, 2026).

A análise espacial revela uma forte concentração da produção em dois estados: Pará (PA) e Bahia (BA). O estado do PA lidera com média de 142.595,4 toneladas de amêndoas de cacau produzidas, representando 48,6% da produção nacional, enquanto a BA responde por 45,0%, com média de 131.862,2 toneladas. Juntos, esses estados concentram 93,6% da produção brasileira, caracterizando uma estrutura altamente concentrada e dependente de dois polos produtivos. Esse padrão reflete tanto condições edafoclimáticas favoráveis quanto a consolidação histórica da cacauicultura nessas regiões (IBGE, 2026).

No caso do PA, observa-se uma leve tendência de redução após 2022, ainda que mantendo liderança absoluta. Já a BA apresenta crescimento expressivo entre 2020 e 2021, seguido de estabilidade, o que pode indicar recuperação produtiva ou maior eficiência no manejo. A proximidade entre os volumes dos dois estados sugere uma dualidade produtiva no país, com potencial competição e complementaridade regional (CEPLAC, 2026).

Os demais estados apresentam participação marginal, destacando-se o Espírito Santo (ES), com 3,9% da produção média, consolidando-se como terceiro maior produtor, embora muito distante dos líderes. Rondônia (RO), com 2,0%, demonstra crescimento relevante em 2024, indicando possível expansão recente da atividade. Estados da região Norte, como Amazonas (AM) e Roraima (RR), e do Centro-Oeste, como Mato Grosso (MT), apresentam produções reduzidas, mas com sinais pontuais de crescimento, especialmente em RR e RO, o que pode indicar fronteiras agrícolas emergentes (IBGE, 2026).

A análise da participação média acumulada reforça o elevado grau de concentração: os três principais estados (PA, BA e ES) atingem 97,5% da produção total. Isso implica baixa diversificação regional, o que pode representar risco estrutural ao setor diante de eventos climáticos, fitossanitários ou econômicos que afetem essas regiões (IBGE, 2026).

Assim, a cacauicultura brasileira é marcada por: estabilidade produtiva nacional; forte concentração geográfica, sobretudo em PA e BA; presença de estados secundários com participação reduzida, mas com potenciais sinais de expansão; e, baixa diversificação regional, o que aponta para a necessidade de políticas de incentivo à expansão sustentável da cultura em novas áreas, visando maior equilíbrio produtivo e redução de riscos (GONÇALVES E SILVA; TRIACA, 2025).

Com relação à produção média de amêndoas de cacau no mundo entre 2020 e 2024, os dados do Banco de Dados Estatísticos da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAOSTAT) revelam uma estrutura altamente concentrada, com predominância de poucos países, além de oscilações relevantes na produção global ao longo do período (FAOSTAT, 2026).

Entre os anos 2020 e 2024 a produção mundial apresentou variação moderada, passando de 5,68 milhões de toneladas em 2020 para 5,23 milhões em 2024, com média para o período de aproximadamente 5,49 milhões de toneladas. De acordo com o *International Cocoa Organization* (ICCO) houve uma queda significativa em 2023, seguida de leve recuperação em 2024, indicando sensibilidade do setor a fatores como clima (chuvas excessivas e fora de época), pragas ("podridão parda" e "vassoura-de-bruxa"), envelhecimento dos cacaueiros e falta de investimentos em fertilizantes, e instabilidades econômicas (mineração ilegal de ouro em Gana, destruindo áreas de produção de cacau) (ICCO, 2026).

No que se refere à distribuição por países, há forte concentração na Costa do Marfim, que lidera com ampla margem, apresentando média de 2,1 milhões de toneladas e participação de 38,28% da produção mundial. Em seguida, aparece Gana, com 13,54%, embora com tendência de queda acentuada ao longo do período, especialmente após 2021. Esses dois países, ambos localizados na África Ocidental, concentram juntos mais de 50% da produção global, evidenciando elevada dependência regional (FAOSTAT, 2026).

Na sequência, destacam-se Indonésia (11,98%) e Equador (6,37%). A Indonésia apresenta relativa estabilidade produtiva, enquanto o Equador demonstra crescimento consistente ao longo dos anos, consolidando-se como um dos principais produtores emergentes. Outros países africanos, como Nigéria (5,97%) e Camarões (5,54%), também possuem participação relevante, reforçando o protagonismo africano no mercado mundial de cacau (FAOSTAT, 2026).

O Brasil ocupa a sétima posição, com participação média de 5,35% entre 2020 e 2024, evidenciando estabilidade produtiva no período, porém com menor competitividade relativa quando comparado aos principais produtores africanos. Já países como Peru, República Dominicana e Colômbia apresentam participações menores, porém relevantes em nichos específicos, como cacau fino e de qualidade superior (ICCO, 2026).

Outro ponto importante é que os dez principais países concentram cerca de 92,41% da produção mundial média entre 2020 e 2024, enquanto os demais países somam apenas 7,59%, o que evidencia uma estrutura produtiva altamente concentrada na África Ocidental e suscetível a riscos. Essa concentração pode gerar vulnerabilidades no abastecimento global, sobretudo diante de eventos climáticos adversos, pragas ou instabilidades políticas nas principais regiões produtoras.

## 2.1 Exportações, importações e moagem de amêndoas de cacau entre 2020 e 2024

De acordo com o Observatório de Complexidade Econômica (OEC), entre 2020 e 2024, o comércio global de amêndoas de cacau atingiu mais que USD 11,5 bilhões em média por ano. A análise da Tabela 1 sobre as exportações mundiais de cacau evidencia uma forte concentração geográfica da oferta, com a liderança absoluta da Costa do Marfim, com média anual de aproximadamente USD 4,08 bilhões, representando 35,46% das exportações globais. Esse desempenho confirma o papel do país como principal fornecedor mundial, sustentado por elevada escala produtiva e forte inserção no comércio internacional. Em conjunto com Gana (12,82%), Nigéria (8,26%) e Camarões (6,26%) forma-se um núcleo africano dominante, responsável por mais de 60% das exportações globais, o que evidencia a centralidade da África Ocidental na cadeia do cacau (OEC, 2026).

Na terceira posição, o Equador apresenta 12,05% de participação média, com crescimento expressivo, saindo em 2020 de pouco mais de USD 844 milhões para mais de USD 1,3 bilhões de média entre 2020 e 2024 (Tabela 1). Esse avanço indica um processo de expansão e valorização do

cacau latino-americano, possivelmente associado à qualidade diferenciada (cacau fino ou aromático) e à ampliação da demanda internacional (OEC, 2026).

Outro aspecto relevante é a heterogeneidade entre os países exportadores. Enquanto economias como Camarões (6,26%) mantêm participação intermediária, países como Peru (2,71%) e República Dominicana (2,33%) ocupam nichos específicos, frequentemente ligados à produção de cacau de maior valor agregado. Já os Países Baixos (3,34%) se destacam não como produtores, mas como importantes reexportadores e centros de processamento, evidenciando a relevância da logística e da industrialização na cadeia global (ICCO, 2026).

**Tabela 1** – Países exportadores e importadores de amêndoas de cacau entre 2020 e 2024

| Países exportadores | Exportações Média (2020 a 2024) (USD) | % Médio por país nas exportações (2020 a 2024) | Participação % acum. nas exportações | Países importadores | Importações Média (2020 a 2024) (USD) | % Médio por país nas importações (2020 a 2024) | Participação % acum. nas importações |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1- Costa Marfim | 4.078.301.983 | 35,46% | 35,46% | 1- Países Baixos | 2.380.739.553 | 20,74% | 20,74% |
| 2- Gana | 1.474.999.671 | 12,82% | 48,28% | 2- Malásia | 1.528.751.260 | 13,32% | 34,06% |
| 3- Equador | 1.385.876.586 | 12,05% | 60,33% | 3- EUA | 1.015.634.923 | 8,85% | 42,90% |
| 4- Nigéria | 950.220.367 | 8,26% | 68,60% | 4- Alemanha | 999.096.378 | 8,70% | 51,61% |
| 5- Camarões | 719.676.084 | 6,26% | 74,85% | 5- Bélgica | 883.223.299 | 7,69% | 59,30% |
| 6- Países Baixos | 384.428.649 | 3,34% | 78,20% | 6- Indonésia | 753.126.945 | 6,56% | 65,86% |
| 7- Peru | 312.237.412 | 2,71% | 80,91% | 7- França | 444.943.264 | 3,88% | 69,74% |
| 8- Rep. Dominicana | 268.258.919 | 2,33% | 83,24% | 8- Singapura | 369.100.649 | 3,22% | 72,95% |
| 9- Guiné | 177.536.722 | 1,54% | 84,79% | 9- Canadá | 361.578.711 | 3,15% | 76,10% |
| 10- Papua N. Guiné | 148.464.987 | 1,29% | 86,08% | 10- Itália | 352.376.514 | 3,07% | 79,17% |
| Demais | 1.601.170.220 | 13,92% | 100,00% | Demais | 2.390.647.659 | 20,83% | 100,00% |
| Total | 11.501.171.602 | 100% | - | Total | 11.479.219.156 | 100% | - |

*Fonte: OEC (2026).*

A análise da participação acumulada na Tabela 1 revela que os dez principais exportadores atingem mais de 86% da oferta mundial, isso demonstra uma estrutura altamente concentrada, que pode gerar vulnerabilidades, uma vez que choques climáticos, instabilidades políticas ou crises sanitárias nesses países podem impactar significativamente a oferta global (ICCO, 2026).

Por fim, observa-se uma tendência de crescimento no valor total exportado, que atinge cerca de USD 18,7 bilhões em 2024, o maior valor da série. Esse aumento pode estar relacionado tanto à elevação dos preços internacionais (Gráfico 1) quanto à ampliação da demanda global por chocolate e derivados (ICCO, 2026).

Quanto às importações de amêndoas de cacau entre 2020 e 2024, a Tabela 1 evidencia uma forte concentração geográfica das compras por parte dos países industrializados e pelos centros de processamento, com destaque para os Países Baixos, com média anual de USD 2,38 bilhões (20,74% de participação global). Esse protagonismo está diretamente relacionado ao papel estratégico do país especialmente no processamento e redistribuição de cacau para outros mercados do continente europeu (OEC, 2026).

Na segunda posição das importações entre 2020 e 2024 está a Malásia com 13,32% das importações, evidenciando a crescente relevância da Ásia no processamento de cacau. Países como Indonésia (6,56%) e Singapura (3,22%) reforçam essa tendência, demonstrando que a região asiática vem ampliando sua participação na cadeia global, tanto no processamento quanto na reexportação, conforme apresentado na Tabela 1.

Entre os países desenvolvidos destacam-se como importadores de cacau os Estados Unidos (8,85%), a Alemanha (8,70%) e a Bélgica (7,69%), refletindo a forte demanda das indústrias de chocolate e derivados concentradas nestes países. Entre os países europeus elencados entre os dez maiores importadores observa-se que estes são responsáveis por mais de 44% das compras mundiais. Esses países possuem cadeias industriais consolidadas e alto consumo per capita, o que sustenta volumes elevados de importação (OEC, 2026).

Quanto à participação acumulada da Tabela 1, mostra que os dez maiores importadores entre 2020 e 2024 atingem aproximadamente 79,17%, indicando uma estrutura relativamente concentrada, porém menos que a observada nas exportações. Isso sugere maior diversificação geográfica da demanda em comparação à oferta (OEC, 2026).

Outro aspecto relevante é o comportamento temporal das importações com forte expansão em 2024, quando o valor total atinge cerca de USD 18,7 bilhões. Esse crescimento pode estar associado à elevação dos preços internacionais do cacau (Gráfico 1), bem como à retomada do consumo global de chocolates e produtos derivados após períodos de instabilidade econômica (ICCO, 2026).

As importações de amêndoas de cacau são caracterizadas por alta concentração em países industrializados, protagonismo europeu e asiático no processamento e crescente dinamismo da demanda global, especialmente nos anos mais recentes com participação de 20,83% do grupo “demais países” nas compras internacionais de cacau.

De acordo com a Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC) as amêndoas importadas são encaminhadas para a moagem, que representa uma etapa fundamental da cadeia produtiva, pois transforma as amêndoas em produtos intermediários como manteiga, pasta e pó de cacau. Entre 2020 e 2024, observa-se uma reorganização geográfica dessa atividade, marcada pela crescente internalização do processamento nos países produtores e pela manutenção da relevância dos países industrializados (AIPC, 2026).

Historicamente, a moagem concentrou-se na Europa, especialmente nos Países Baixos e Alemanha, devido à proximidade com grandes indústrias *chocolatiers*. Contudo, ao longo da década de 2020, houve um deslocamento gradual dessa atividade para países produtores, sobretudo na África Ocidental. Atualmente, a moagem global está próxima de 5 milhões de toneladas anuais, com distribuição regional relativamente estável com a Europa liderando com cerca de 35 a 36%, seguida por Ásia/Oceania com aproximadamente 23%, a África (22%) e as Américas (18 a 19%).

Apesar disso, a participação africana vem crescendo, indicando maior verticalização da produção nos países de origem (ICCO, 2026).

A Costa do Marfim é líder com mais de 14% da moagem mundial de amêndoas de cacau, refletindo a estratégia de industrialização e agregação de valor no país de origem. Esse crescimento é consistente com a expansão da capacidade instalada e aumento da moagem, ou seja, tendência de crescer ainda mais (TRIDGE, 2026).

Os Países Baixos com 12,26% mantêm posição central por ser um *hub* tradicional europeu devido a estrutura portuária, mas com tendência de estabilidade, indicando perda relativa de participação global. A França (4,26%) e o Reino Unido (3,45%) mantém estável sua participação no mercado de moagem de cacau. A Europa, apesar de ainda dominante, apresenta crescimento mais lento em comparação à África com relação a expansão na moagem de grão de cacau (ICCO, 2026).

Na Ásia, Indonésia com 8,94% e Malásia com 7,22% consolidam-se como polos industriais relevantes para o mercado do cacau, enquanto o Gana é responsável por 5,54% da moagem, mostra crescimento consistente, reforçando a tendência de processamento local (TRIDGE, 2026).

Já nas Américas, os Estados Unidos com 7,47% da moagem de cacau consolidam-se como grande mercado consumidor e industrial. O Brasil é o principal processador da América Latina com 4,81% e tem mantido um crescimento moderado, impulsionado pela demanda interna e pela indústria alimentícia (TRIDGE, 2026).

## 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza aplicada, com abordagem quantitativa e qualitativa, tendo como objetivo analisar a cadeia produtiva do cacau, com ênfase na produção, no comércio internacional e no comportamento recente do mercado. Quanto aos objetivos, classifica-se como descritiva e explicativa, pois busca não apenas apresentar os dados, mas também interpretar os fatores econômicos e estruturais que influenciam o setor cacaueiro (GIL, 2008).

Segundo Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir da análise de livros, artigos científicos e publicações especializadas, contribuindo para a fundamentação teórica do estudo. Já a pesquisa documental utilizou dados secundários provenientes de instituições reconhecidas nacional e internacionalmente, como o IBGE, a FAOSTAT, o OEC, o ICCO, e o COCOAINTEL cuja confiabilidade é amplamente reconhecida na literatura econômica e agrícola (IBGE, 2026; FAOSTAT, 2026; OEC, 2026; ICCO, 2026; COCOAINTEL, 2026).

A coleta de dados concentrou-se no período de 2020 a 2024, abrangendo informações sobre produção nacional e mundial, exportações, importações e moagem de cacau. Os dados foram organizados em tabelas e submetidos à análise estatística descritiva, incluindo o cálculo de médias, participações percentuais e participações acumuladas, permitindo identificar padrões de concentração produtiva, distribuição geográfica e evolução temporal do setor (SIEGEL; CASTELLAN, 2006).

Por fim, adotou-se uma abordagem analítico-interpretativa, na qual os dados quantitativos foram articulados com o referencial teórico, possibilitando uma compreensão mais ampla das transformações recentes na cadeia produtiva do cacau. Esse procedimento segue a perspectiva de análise integrada proposta por Gil (2017), permitindo não apenas descrever o comportamento do

setor, mas também identificar tendências, desafios e oportunidades para o desenvolvimento da cacauicultura no Brasil e no mundo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos neste capítulo as exportações e importações brasileiras de cacau entre 2020 e 2024 e o comportamento dos preços do cacau no mercado internacional.

De acordo com os valores médios entre 2020 e 2024 das Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro (AGROSTAT) o Brasil apresentou uma forte concentração geográfica das exportações brasileiras de cacau (em valor e volume), revelando padrões relevantes tanto do ponto de vista comercial quanto estrutural da inserção do Brasil no mercado internacional. O Japão foi o maior comprador de cacau do Brasil com 54,25% do valor exportado e 63,10% do volume (kg). Esse resultado indica não apenas elevada dependência de um único mercado, mas também sugere que o cacau exportado ao Japão possui características específicas que garantem maior absorção em volume. A discrepância entre participação em valor e volume também pode indicar preços médios relativamente mais baixos por kg em comparação a outros mercados (AIPC, 2026).

Na sequência, aparecem como principais compradores do cacau brasileiro: os Países Baixos, França, Suíça e Bélgica, que juntos consolidam a importância do mercado europeu. Os Países Baixos respondem por 18,05% do valor e 14,50% do volume, atuando tradicionalmente como um hub de redistribuição de cacau na Europa. Já França, Suíça e Bélgica apresentam participações relevantes, associadas à forte indústria chocolateira desses países, caracterizada por maior valor agregado. A soma desses mercados europeus, juntamente com o Japão, ultrapassa 97% das exportações totais, evidenciando elevada concentração em poucos destinos (AGROSTAT, 2026).

Por outro lado, mercados como Estados Unidos, Alemanha, Argentina e Coreia do Sul possuem participação marginal, todos abaixo de 1% individualmente. Isso sugere baixo grau de diversificação comercial, o que pode representar um risco em termos de vulnerabilidade a choques de demanda ou barreiras comerciais impostas por mercados dominantes (AGROSTAT, 2026).

Quanto às importações médias brasileiras de cacau entre 2020 e 2024 elas são concentradas tanto em termos de valor (USD) quanto de volume (kg), evidenciando forte dependência de países como a Costa do Marfim, responsável por 64,00% do valor importado e 60,74% do volume total; e, Gana, com 35,98% do valor e 39,25% do volume importado. Juntos, esses dois países africanos concentram praticamente a totalidade das importações brasileiras, ou seja, 99,99% tanto em valor quanto em quantidade, evidenciando uma estrutura altamente concentrada e dependente da África Ocidental (AGROSTAT, 2026).

### 4.1 O comportamento dos preços internacionais do cacau

O Gráfico 1 foi elaborado com dados da ICCO (2026) e apresenta a evolução dos preços internacionais do cacau entre 2020 e 2026, revelando um comportamento marcado por três fases distintas: estabilidade inicial, forte valorização e posterior correção com queda nos preços do mercado.

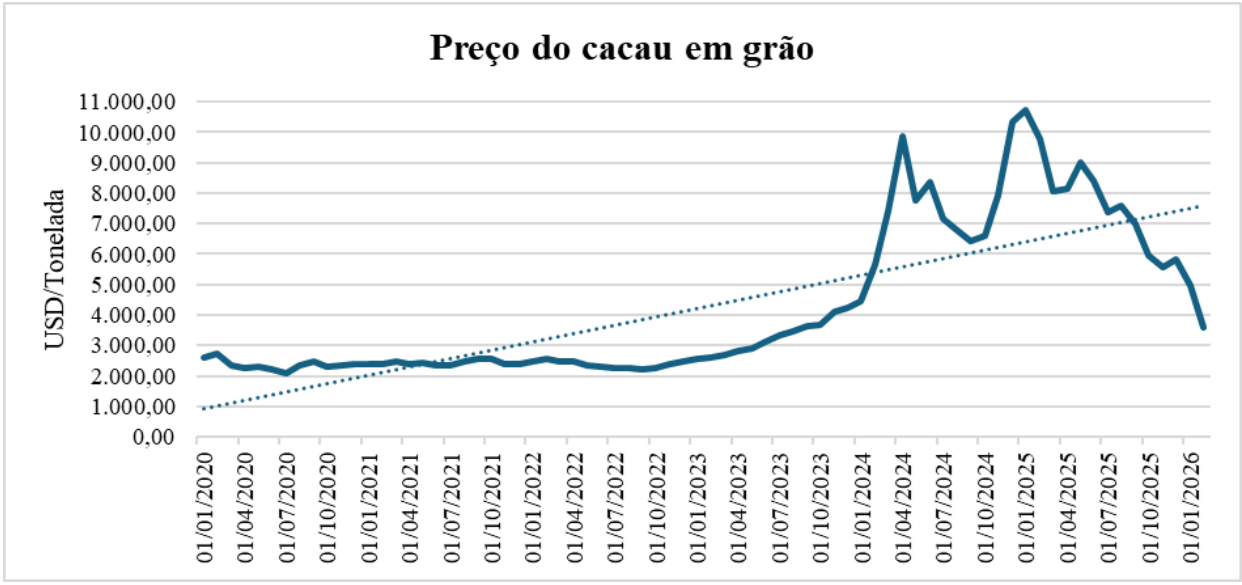
Na primeira fase (2020–2022), observa-se no Gráfico 1 relativa estabilidade dos preços, situados em torno de USD 2.000 a USD 3.000 por tonelada. Esse período reflete um cenário de equilíbrio entre oferta e demanda no mercado internacional, padrão que historicamente caracterizou o setor cacaueiro. A partir de 2023, inicia-se uma segunda fase marcada por tendência de alta nos preços do cacau, claramente representada pela inclinação ascendente da curva no Gráfico 1. Esse mo-

vimento culmina em um pico histórico entre 2024 e início de 2025, quando os preços ultrapassam USD 10.000 por tonelada. Tal valorização extrema está associada a choques de oferta nas principais regiões produtoras da África Ocidental, especialmente Costa do Marfim e Gana, decorrentes de fatores como condições climáticas adversas, doenças nas lavouras e envelhecimento dos cacaueiros. Além disso, a redução dos estoques globais e déficits sucessivos de produção contribuíram para pressionar os preços, configurando uma crise no mercado mundial de cacau (ICCO, 2026).

Na terceira fase (2025–2026), o Gráfico 1 demonstra uma inflexão na tendência, com queda significativa dos preços após o pico histórico. As cotações recuam para níveis próximos de USD 3.000 a USD 5.000 por tonelada, indicando uma redução superior a 50% em relação ao ápice anterior. Esse movimento de queda está relacionado à recuperação gradual da oferta global, favorecida por melhores condições climáticas e expansão produtiva em alguns países, além da retração da demanda, uma vez que os altos preços anteriores reduziram o consumo industrial de cacau (ICCO, 2026).

Apesar dessa queda, o Gráfico 1 também sugere que os preços permanecem acima da média histórica observada no início da série, o que indica que o mercado ainda opera sob condições de relativa restrição estrutural. Conforme apontam análises recentes, a correção atual não representa um retorno completo à normalidade, mas sim um processo de ajuste após níveis excepcionalmente elevados, mantendo-se ainda um prêmio de risco associado à instabilidade da oferta global (ICCO, 2026).

**Gráfico 1** – Preço do cacau em grãos entre 2020 e 2026




*Fonte: ICCO (2026).*

Os preços do cacau são influenciados: pelas condições climáticas (secas, chuvas), que afetam a produção na África Ocidental; pela especulação financeira no mercado de *commodities*; pela oferta global de cacau; quantidade de estoques e pela demanda mundial por chocolate e derivados, especialmente em países industrializados. Assim como fatores estruturais como: doenças nas lavouras, envelhecimento dos cacaueiros e custos de produção, influenciam a oferta no médio e longo prazo. Por fim, aspectos econômicos e políticos, incluindo variações cambiais e instabilidade em países produtores afetam o comportamento dos preços, evidenciando que o mercado de cacau re-

sulta da interação entre oferta, demanda e fatores externos, o que explica sua elevada volatilidade (CHAI PREDICT, 2026).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da cadeia produtiva do cacau evidenciou a relevância dessa cultura no contexto econômico global, especialmente por seu papel na geração de renda e na dinâmica do comércio internacional. Observou-se que a produção mundial permanece concentrada em poucos países, sobretudo na África Ocidental, o que torna o mercado sensível a choques de oferta, como variações climáticas e problemas fitossanitários. Esse cenário contribui diretamente para a volatilidade dos preços, como verificado no período recente, marcado por uma elevação expressiva seguida de forte correção, indicando um processo de ajuste após um ciclo de escassez e valorização extrema.

No caso brasileiro, constatou-se que, apesar da perda de protagonismo ao longo das últimas décadas, o país ainda apresenta relevância no setor, com destaque para a produção nos estados da Bahia e do Pará. Além disso, observa-se uma mudança estrutural na cadeia, caracterizada pela ampliação do processamento interno e pelo crescimento do consumo de derivados, como o chocolate. No entanto, desafios persistem, como a necessidade de aumento da produtividade, redução dos custos de produção e fortalecimento da competitividade no mercado internacional, especialmente diante da condição atual de importador líquido de amêndoas de cacau.

Adicionalmente, verificou-se que o comportamento recente dos preços do cacau reflete a interação entre fatores estruturais e conjunturais, incluindo oferta global, demanda da indústria e condições climáticas. Apesar da queda após o pico histórico, os preços ainda se mantêm em patamar superior à média de longo prazo, sugerindo a existência de restrições estruturais no lado da oferta. Esse contexto reforça a importância de estratégias voltadas à sustentabilidade da produção, inovação tecnológica e maior integração da cadeia produtiva.

Por fim, conclui-se que a cacauicultura apresenta potencial de crescimento no Brasil, desde que sejam superados os entraves estruturais e adotadas políticas públicas e iniciativas privadas que promovam a modernização do setor. A valorização de sistemas produtivos sustentáveis, como os agroflorestais, aliada ao investimento em qualidade e agregação de valor, pode representar um diferencial competitivo no mercado global. Dessa forma, o estudo contribui para a compreensão das dinâmicas do setor cacaueiro e oferece subsídios para o desenvolvimento de estratégias que fortaleçam sua importância econômica e social no país.

## REFERÊNCIAS

AGROSTAT – ESTATÍSTICAS DE COMÉRCIO EXTERIOR DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO. **AGROSTAT**. 2025.

AIPC – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS PROCESSADORAS DE CACAU. **AIPC**.

CEPLAC – COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA. **Sistemas de produção de cacau no Brasil**. Ilhéus: CEPLAC, 2016.

CHAI PREDICT. **Cocoa prices in 2025**: structural rebalancing. 2026.

FAOSTAT – FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. **Culturas e produtos pecuários**.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GONÇALVES E SILVA, A.; TRIACA, L. M. A competitividade do cacau no Brasil, entre 2005 e 2022. **Reflexões Econômicas**, v. 9, e4841, p. 1-19, 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção Agrícola Municipal (PAM)**.

ICCO – INTERNATIONAL COCOA ORGANIZATION. **Estatísticas**. 2026.

MAPA – MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. **História do cacau e chocolate**. Brasília: MAPA, 2017.

MAPA – MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. Secretaria de Inovação, Desenvolvimento Rural e Irrigação. Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira. **Plano Inova Cacau 2030**: estratégias para fomentar o desenvolvimento sustentável das regiões produtoras de cacau no Brasil. Brasília, DF: MAPA/SDI/CEPLAC, 2023.

OEC – OBSERVATÓRIO DA COMPLEXIDADE ECONÔMICA. **Exportadores e importadores**.

SIEGEL, Sidney; CASTELLAN JR., N. John. **Estatística não paramétrica para as ciências do comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

TRIDGE. **Global cocoa market and processing trends**. Seoul, 2024.

---

Os conceitos e as opiniões expressos neste artigo são de responsabilidade exclusiva de seus autores.